

MAFALDA SANTOS

ENQUANTO O FIM NÃO VEM

2.^a
Edição



*Para o David,
meu companheiro de aventuras*

*Sentia o que sempre sentira ao terminar um livro —
uma estranha impressão de vazio, de depressão; a consciência
de ter tido de pagar o seu quinhão de absurdidades
a cada êxito.*

STEPHEN KING, *Misery*

Continuava a chover quando amanheceu. O inspetor Lobo permanecia imóvel dentro do carro, incapaz de sair para fazer o seu papel. Em trinta e cinco anos de carreira, nunca um caso o tinha afetado tanto.

Talvez fosse esse o derradeiro sinal de que se devia reformar; é comum os velhos tornarem-se mais frágeis e suscetíveis à dor dos outros.

Sentia-se destroçado e o corpo respondia apenas pelo hábito de o fazer. Era cada vez mais habitual pressentir uma vaga de lágrimas a subirem-lhe, incontrolláveis, aos olhos, mas, quando pensava em desistir de tudo e entregar o caso a um colega mais jovem e quem sabe até mais preparado, lembrava-se de que em casa só o esperavam sombras e ecos de uma vida antiga, e espantava essa ideia.

A morte daquela rapariga tinha-lhe entrado para debaixo da pele e sabia com toda a certeza do seu ser que não voltaria a ter paz se não descobrisse o culpado.

Laura, de vinte anos de idade, morena, de cabelos lisos e longos, de pele clara e olhos verdes, tinha sido encontrada sem vida no estaleiro da obra embargada de um condomínio que há anos se degradava, abandonado. Causa da morte: impacto na cabeça com objeto contundente, não identificado. Tinha as mãos amarradas.

A conversa com Jorge deixara-o inquieto; era óbvio que o tipo estava a esconder alguma coisa. Sabia que ele tinha mentido sobre o motivo da discussão no bar, sabia que, ao contrário do que dissera em interrogatório, tinha saído de mota, provavelmente para se ir drogar com o grupinho de falhados do costume.

No entanto, havia algo nele que lhe parecia genuíno, um sofrimento verdadeiro com a morte da namorada e, no último encontro que tivera com ele, ficara com a sensação de que havia algo a assustá-lo.

A chuva não dava sinais de querer abrandar. Era a terceira vez que visitava os pais de Laura naquela semana e sabia perfeitamente que já não era bem-vindo.

Também o comportamento deles se alterara com o tempo. Os colegas diziam-lhe que era apenas o esgotamento e a necessidade de terem paz para fazer o luto, mas o inspetor Lobo tinha demasiados anos de experiência para não saber distinguir uma coisa da outra.

De um momento para o outro, tinham ficado frios e monossilábicos nas respostas, e pareciam ter perdido o interesse em encontrar o assassino da filha.

A mãe, Gilda, de quem Laura herdara todos os traços e feições, e que ao início dera a dor como combustível para a determinação em encontrar o responsável por aquele crime monstruoso que lhe destruíra a vida, mudara totalmente de disposição nas últimas semanas, recusando-se a falar com ele, chegando mesmo a bater-lhe com a porta na cara.

O pai de Laura, Luís, um homem nervoso e visivelmente mais débil do que a mulher, desculpou-se por ela, e pediu-lhe, de olhos no chão, que não os visitasse mais.

Havia algo de profundamente errado naquilo tudo. Ninguém muda assim, ninguém desiste de procurar a verdade quando o assunto é a morte de alguém querido. Ele certamente não desistiria.

À noite, sonhava com Laura, de cabelos soltos ao vento, no prédio sem paredes, com a cidade iluminada ao fundo; via-a a sorrir e sorria-lhe de volta e depois conversava com ela sobre tudo e sobre nada, durante muito tempo. Tinha-se tornado algo recorrente nas suas noites, e talvez por isso sentisse que a conhecia tão bem, e que não a podia abandonar.

Abriu a porta do carro e saiu. Tinha o coração a bater violentamente e o corpo dorido. Atravessou a estrada e tocou à campainha.

Deu-se conta de que estava a transpirar e limpou o suor da testa com as costas das mãos. Sentia a boca incrivelmente seca.

— Você outra vez? — perguntou Luís ao abrir a porta.

— Preciso de falar convosco, é importante.

— A minha mulher não o quer voltar a ver.

— Não estou aqui pela sua mulher, estou aqui pela sua filha.

Estou aqui pela Laura.

— Porquê? — perguntou Luís, sem forças. — Porque é que não pode simplesmente deixar-nos em paz com o nosso sofrimento? Será que não percebe que só queremos que isto pare?

— A Laura merece justiça — disparou o inspetor, irritado.

— A morte dela não foi nenhum ataque aleatório, tenho a certeza. Sei que há mais nesta história. Acho que vocês também o sabem.

Abriu atabalhoadamente uma pasta de cartão que trazia debaixo do braço e retirou um documento, que imediatamente começou a ficar molhado.

— Preciso da vossa autorização para exumar o corpo da Laura.

— O quê?! — perguntou Luís, incrédulo.

— Acredito que a primeira autópsia não foi feita corretamente...

Luís agarrou o inspetor pelo pulso e puxou-o para si. Via-se que havia algo a aterrorizá-lo.

— Afaste-se disto enquanto é tempo — segredou-lhe ao ouvido.

— É o melhor para todos.

— O que é que é suposto isso querer dizer? — perguntou o inspetor, libertando-se.

— Você não faz ideia no que se está a meter.

— Deixa-o entrar — disse Gilda, assomando à porta. — É melhor falarmos cá dentro.

O inspetor sacudiu a gabardine encharcada e entrou. Tinha perdido a conta ao número de vezes que entrara naquela casa no último mês e meio.

— Aceita um chá? — perguntou a mulher, de forma surpreendentemente calma. — Acabei de fazer.

— Agradeço.

Serviu-se de três colheres generosas de açúcar e mexeu — a vida já era amarga o suficiente. Deu um pequeno gole. Pigarreou e limpou o suor da testa com as costas da mão. Estava inquieto.

— Preciso da vossa autorização para exumar o corpo da Laura — declarou novamente. — A morte dela não aconteceu por causa de um assalto. Sei que também não acreditam nisso...

— O que é que pensa que vai descobrir repetindo a autópsia? — questionou Luís.

O inspetor Lobo hesitou uns instantes; não queria que ficassem com a sensação de que estava a especular, nem tão-pouco podia dar como argumento científico o seu faro pisteiro, intuição que raramente lhe falhara em tantos anos de profissão.

— Desconfio de alguns dados do relatório da autópsia...

— No outro dia, fui rude consigo, peço-lhe que me desculpe — interrompeu Gilda, subitamente, num modo de falar pausado e claro. — Não pense que não estamos gratos por tudo o que tem feito. Nunca lhe poderemos agradecer o suficiente pela sua dedicação, mas agora chegou o momento de parar. Descobrir o culpado não nos vai trazer a nossa filha de volta, e a verdade é que a única coisa que nos interessa neste momento é poder lembrá-la com dignidade.

— Não percebo... — desabafou o inspetor, impaciente. — A vossa filha foi assassinada de uma forma brutal. Que dignidade existe em saberem que o culpado anda por aí à solta? Que paz? Penso que uma nova autópsia vai revelar factos fundamentais para a investigação. Penso que o local do crime...

Gilda fez um esgar de terror e interrompeu o inspetor com um gesto firme para que não continuasse a falar. Manteve o dedo em frente à boca:

— Está obcecado com este caso, inspetor, mas nós não temos culpa disso, nem vamos suportar mais sofrimento por sua causa — disse ao mesmo tempo que escrevia num papel: «Não diga nada. Eles

estão a ouvir.» — Mexer no corpo da Laura está fora de questão, percebeu? — rematou, elevando a voz.

Luís, que tinha levado as mãos à cabeça, aproximou-se da mulher, sem respirar, e, tirando-lhe a caneta da mão, desenhou um ponto de interrogação no papel.

Gilda encostou a mão ao peito do marido, como que informando que estava decidida e que não valia a pena tentar impedi-la.

— Percebeu, inspetor? — repetiu.

— Sim, penso que sim — respondeu ele, num estado de alerta e inquietação absoluto.

— Obrigada. Tinha a certeza de que ia acabar por compreender a nossa posição. Não aguentamos mais... queremos poder recordar a Laura como ela era... Venha, quero mostrar-lhe uma coisa.

Luís segurou a mulher pelo pulso, lançando-lhe um olhar incrédulo e furioso, mas Gilda libertou-se com a expressão envolta em amargura.

Subiram as escadas até ao quarto de Laura, e Gilda estremeceu ao abrir a porta. O inspetor foi o primeiro a entrar.

À primeira vista, estava tudo igual ao que fora verificado nos primeiros dias da investigação. Não tinham encontrado ali nada que pudesse ser considerado relevante para o caso.

Era o quarto expectável para uma rapariga daquela idade. Muitas fotografias com amigos, pósteres de bandas, alguns livros, álbuns de diferentes géneros musicais, um pequeno gira-discos, uma guitarra e um computador, entre outros bibelôs igualmente irrelevantes.

— A Laura sonhava ser cantora — disse Gilda, no tom sereno e claro de antes. — Estava sempre a gravar alguma coisa... Compunha as próprias canções... Só agora me apercebo do talento enorme que tinha... Nos últimos dias tenho vindo para aqui... Quer ouvir? — perguntou Gilda num tom de voz frágil, mas com uma expressão que, em vez de questionar, ordenava.

— Gostava muito.

Gilda ligou o computador e seleccionou um ficheiro mp3. Imediatamente, o som da voz de Laura, acompanhada à guitarra, encheu o quarto. Era uma canção sobre o facto de a vida ser um lugar de incertezas e inquietação.

Era a primeira vez que o inspetor Lobo ouvia a sua verdadeira voz, que lhe pareceu incrivelmente semelhante àquela que ouvia em sonhos.

*O sol rasga as cortinas do quarto
E mais um dia começa
Por entre as pestanas vejo assim
Novo ato desta peça
E eu aqui comigo
E com os amigos de mim.*

Luís tinha-se sentado na cama, imóvel como um barco que, depois de destroçado pelas ondas, dá à costa, vazio.

Gilda aumentou o volume e aproximou-se do inspetor.

— Estamos em perigo aqui — sussurrou-lhe ao ouvido. — Puseram escutas na casa toda.

O inspetor Lobo sentiu um arrepio a percorrer-lhe a coluna e ficou terrivelmente agitado. Ia perguntar «Quem?», mas Gilda impediu-o, cravando-lhe as unhas no braço.

*Mas quem sou eu para duvidar
Que algo enfim virá
Virá para desvendar
O meu caminho
Estás perto, eu sinto
Vou esperar.*

— Aqui não — murmurou.

Abriu uma gaveta e tirou aquilo que parecia ser o diário de Laura. Folheou-o nervosamente até encontrar uma página em branco e, com

o punho a fazer a caneta tremer, escreveu «Rua de São Lázaro, 27, 4.º Dt.º, 23h00».

A música terminou e um silêncio tenso e expectante caiu sobre o quarto.

— Obrigado por me mostrar isto — disse, por fim, o inspetor, tentando ao máximo evitar qualquer oscilação na voz. — A Laura era muito talentosa. Espero que encontrem a paz que desejam.

Meteu o diário dentro da pasta de cartão, desceu as escadas e saiu.

Passava das dez quando chegou ao departamento de homicídios. Depois de sair da casa dos pais de Laura, tinha passado mais de uma hora a conduzir sem destino, tentando acalmar-se. Aquele caso ia acabar por engoli-lo, se continuasse assim.

Ainda sentia as pernas fracas e os músculos tensos quando se sentou à secretária. Tomou o comprimido para o coração e um antidepressivo. Tinha começado a tomá-los há oito anos, na altura do divórcio, e tinham-se tornado cruciais para conseguir funcionar normalmente. Tentara por mais de uma vez fazer o desmame, mas os efeitos eram de tal modo inquietantes que desistira e fizera as pazes com a ideia de os tomar até ao fim da vida.

Talvez se tivesse começado a tomá-los mais cedo, nunca se tivesse divorciado, e tudo teria sido diferente.

Abriu a pasta de cartão e tirou o diário de capa dura, azul, com constelações douradas. Tinha sido listado como objeto potencialmente relevante, mas fora rapidamente descartado e devolvido à família.

A primeira redação datava de março, dez meses antes do crime.

11 de março, 2021

A Teresa disse que talvez me fizesse bem ter um diário. Andava a adiar há demasiado tempo! Aqui está. Estou para ver se sempre é verdade...

23 de março, 2021

O Jorge anda outra vez a sair com aqueles idiotas das motas. Não consigo perceber o que é que vê neles. Ontem

apareceu no meu quarto já passava das duas da manhã. Ele disse que não, mas dava para ver que tinha tomado alguma coisa. Queria dormir aqui... mas eu obriguei-o a sair da mesma maneira que entrou: pela janela. Acho que caiu mal e se magoou um bocado. Acho que quero acabar com ele.

O inspetor avançou.

3 de setembro, 2021

Cada vez mais desmotivada com o curso de Enfermagem. Nada me interessa ou me faz minimamente feliz, ali. Estou a tentar arranjar coragem para dizer aos meus pais que quero desistir. Quero fazer música, tudo o resto é apenas perda de tempo precioso da minha vida.

9 de setembro, 2021

Disse aos meus pais que não quero ser enfermeira. Se esse era o sonho da minha mãe, ela que o concretize. Estão furiosos, mas é uma questão de tempo até lhes passar. Escrevi uma canção a dizer-lhes o que sinto. Talvez a música consiga fazê-los entender o que eu, por palavras, não consegui.

21 de setembro, 2021

Arranjei trabalho a cantar às quintas e sextas, num bar da Baixa. É um sítio bonito e muito bem frequentado. A Teresa viu o anúncio não sei aonde e marcou-me logo a entrevista. O dono é um homem muito distinto. Ouviu-me cantar uma canção e disse que aquele ia ser o meu primeiro grande passo para o futuro. Estou nas nuvens. Começo amanhã.

24 de setembro, 2021

Cantar no bar está a ser a melhor experiência da minha vida. O dono parece gostar muito de mim. Disse que me vai apresentar a umas pessoas importantes.

7 de outubro, 2021

Só me apetece morrer. O Jorge apareceu no bar quando eu estava a cantar. Não percebo como é que descobriu... Estava completamente bêbedo e fez uma cena horrível, a tentar tirar-me do palco à força. O dono diz que não há condições para eu continuar a trabalhar lá depois disto.

8 de outubro, 2021

Acabei tudo com o Jorge.

13 de outubro, 2021

O dono do bar ligou-me. Diz que ainda me quer apresentar àquelas pessoas importantes e vem amanhã à noite buscar-me, para ir com ele a uma festa fora da cidade. Disse-lhe que terminei tudo com o Jorge e ele pareceu ficar satisfeito com a notícia.

15 de outubro, 2021

Consegui estragar tudo. O dono do bar está zangado comigo porque teve de sair da festa para me vir trazer a casa ao fim de dois ou três copos. Não estou habituada, devia ter recusado álcool, mas não quis parecer infantil. Não falei com ninguém, não conheci ninguém, não me lembro de nada... Não sei se algum dia voltarei a ter uma oportunidade daquelas. Sou ridícula. Dói-me o corpo todo e não sei de quem é a roupa que tenho vestida. Acho que vomitei a minha.

20 de outubro, 2021

Apanhei a Teresa a falar ao telefone. Estava a combinar levar outra rapariga para o bar. Uma tal de Sofia, que é vizinha dela e também canta. Quando a confrontei, disse-me que não me deve nada, e que não é culpa dela que eu tenha dado cabo de tudo. Já me fartei de chorar. Disse-me que o dono do bar lhe paga uma comissão para ela angariar empregadas de mesa e de balcão. Dá preferência a universitárias bonitas e refinadas. Não faz contratos, mas paga bastante bem para o trabalho, pelo que não é difícil encontrar raparigas novas mais ou menos de três em três meses. O dono do bar diz que é uma idade em que mais vale termos uma grande rotatividade de trabalhos do que estarmos muito tempo no mesmo sítio a fazer a mesma coisa. Só recentemente é que pediu à Teresa para lhe arranjar alguém para cantar nas noites de quintas e sextas. Eu fui a primeira e estraguei tudo.

25 de outubro, 2022

Fui falar com a tal Sofia. Esperei-a à saída do bar e pedi-lhe por tudo para não contar à Teresa nem ao dono do bar. Nem sei bem o que é que me deu para ir até lá... Tal como era de esperar, está a adorar cantar no bar. Queria muito odiá-la, mas não fui capaz. É simpática e ainda por cima toca piano na perfeição. Conte-lhe tudo e ela deu-me um abraço e disse que devíamos experimentar fazer um dueto. Trocámos contactos. Vou a casa dela no fim de semana.

29 de outubro, 2022

Vai haver outra festa naquele sítio e o dono do bar convidou a Sofia. Parece que lhe vai apresentar as tais pessoas

*importantes. Contou-me hoje, mal cheguei a casa dela.
Perdi logo a vontade de cantar.
Toda a gente merece uma segunda oportunidade.*

Esta era a última entrada no diário de Laura, encontrada morta no dia 22 de dezembro. Na página seguinte, a letra descontrolada de Gilda: «Rua de São Lázaro, 27, 4.º Dt.º, 23h00.»

O inspetor sentiu um súbito mal-estar a alastrar-se e olhou para o relógio: passavam quinze minutos do meio-dia. Lá fora continuava a chover. Vestiu a gabardine e colocou o chapéu castanho de feltro, que só usava em dias assim.

Estacionou junto a um parque, próximo do restaurante de *fast food* onde Sofia trabalhava. Ler o diário tinha-lhe levantado o interesse de falar novamente com a rapariga. Foi encontrá-la ao balcão, sem mãos a medir para registar e entregar um sem-número de sacos com menus de hambúrgueres e batatas fritas. Não há dúvida que ele tinha escolhido a pior hora do dia para a vir procurar. Resolveu comer e esperar até que a enchente passasse. A verdade é que estava em jejum e podia aproveitar para a observar discretamente. Mataria dois coelhos de uma única cajadada.

Regalou-se com um hambúrguer duplo com queijo e bacon, sem tirar os olhos da frágil Sofia, de semblante triste e apagado. Quem a visse nunca diria tratar-se da mesma rapariga descrita por Laura no diário.

Na primeira fase do inquérito, tinha-se concluído que Sofia não estava relacionada com o caso, nem tinha sequer proximidade suficiente com a vítima para poder saber de alguma coisa relevante.

Mas, depois daquela manhã, as peças do *puzzle* que julgava encaixadas tinham-se movido do lugar e a intuição dizia-lhe que algo de importante, relacionado com esta rapariga, lhe tinha escapado.

Ao longo de uma hora, observou-a discretamente, e reparou como era assustadiça, que roía compulsivamente as unhas e que

nunca olhava os clientes nos olhos. Era como se um filtro invisível lhe roubasse as cores, colocando-a em contraste com o mundo que a rodeava.

Às duas da tarde, o restaurante ficou praticamente vazio e o inspetor aproximou-se do balcão onde a rapariga permanecia imóvel, perdida em pensamentos.

— Sofia Cruz? — interpelou.

— Sim? — respondeu ela, confusa, como se despertasse de um estado hipnótico.

— Falei consigo em dezembro, lembra-se de mim? Sou o inspetor responsável pela investigação do homicídio da sua amiga Laura.

— Já vos disse que não éramos amigas. Tinha-a conhecido poucos dias antes — respondeu, sem esconder o desconforto da pergunta.

— Sim, é verdade. Não obstante, tenho algumas questões que gostava de lhe colocar. Podemos falar noutro sítio?

— Estou a trabalhar, não posso sair.

— Apenas cinco minutos, prometo. É importante.

Sofia inspirou profundamente.

— Vá ter comigo às traseiras.

O inspetor Lobo deu a volta ao edifício e foi encontrar Sofia a fumar um cigarro, sentada numa pilha de paletes de madeira.

— Obrigado.

— De nada. Estava mesmo a precisar de uma pausa. Só não percebo o que é que ainda lhe posso dizer. Fiquei chocada quando aconteceu, claro, mas a verdade é que não a conhecia bem.

— Ela tinha um diário. Fala de si algumas vezes.

— A sério?

— Sim.

— Eu trabalhei algum tempo a cantar num bar da Baixa... ocupei o lugar dela. Ela tinha sido despedida por causa de uma situação qualquer com o namorado... Eu não tive nada que ver com isso, nem a conhecia antes.

— Mas ela foi esperá-la à saída do bar, correto?

— Acho que teve curiosidade de ver como era a nova cantora, não sei. Achei esquisito, mas tive pena dela. Convidei-a a ir a minha casa...

— E ela foi.

— Nunca devia ter comentado que o patrão me convidou para a festa.

— A festa?

— O dono do bar é um homem muito bem relacionado, dá-se com gente importante e, de vez em quando, vai a umas festas onde estão pessoas influentes na indústria musical e outras artes também, acho.

— A Laura não gostou de saber que a Sofia tinha sido convidada?

— Tentou disfarçar, mas o ambiente ficou estragado. A ideia era compormos um dueto, mas não saiu nada.

— Ela explicou-lhe o motivo de ter ficado assim?

— Não. Inveja, acho.

Sofia apagou a ponta do cigarro com o pé.

— Ainda trabalha no bar?

— Despedi-me — disse, cravando os olhos no chão. — Pagava pouco e eu andava sempre cansada. Deixou de fazer sentido para mim.

— Como correu a festa? — perguntou o inspetor.

Sofia cerrou os punhos e os olhos rolaram-lhe para o céu, como se uma descarga momentânea de eletricidade lhe percorresse o corpo.

— Acabei por não ir, não sei como correu.

Trinta e cinco anos de carreira tinham-no ensinado a distinguir uma mentira de uma verdade, mas havia naquela resposta algo mais nebuloso e dúbio, que aproximava as duas realidades.

— Posso perguntar porquê?

— Fiquei doente nesse dia.

— A Laura soube disso?

— Não. Depois daquele dia lá em casa, nunca mais a vi — respondeu secamente. — Agora tenho de voltar, não quero ter problemas.

— Claro. Obrigado pelo seu tempo.

Sofia fez um leve menear com a cabeça, sem nunca olhar para o inspetor. Antes de desaparecer pela porta das traseiras do restaurante, parou e disse sem se virar:

— Espero que consigam apanhar o monstro que fez aquilo. Já bastam os monstros invisíveis, que não podem ser apanhados.

E entrou, com os punhos cerrados.

Há mais de uma semana que praticamente não dormia e, nas poucas horas em que o conseguia fazer, Laura surgia-lhe em sonhos. Quando chegou ao carro, estava ofegante e, instintivamente, levou a mão ao bolso do casaco procurando a pequena caixa metálica onde guardava os comprimidos. Bastou senti-la com as pontas dos dedos para o coração abrandar.

Não conseguia deixar de ter aquela sensação de estar a ir na direção de um precipício.

Tirou o diário de Laura da pasta de cartão e abriu-o na página onde Gilda escrevera a hora e o local. Assumindo que seria ela a ir encontrar-se com ele, o que teria para dizer que obrigasse àquela manobra mais habitual em filmes de espões do que na vida real? Havia a hipótese de tudo aquilo não passar de uma charada, sabia-o perfeitamente. Não seria o primeiro caso em que a família de uma vítima de crime violento embarcava em teorias da conspiração, construindo enredos hollywoodescos como tentativa de escapar à dor e ao vazio.

Mas desse lá por onde desse, não faltaria ao encontro.

Recostou o banco com a intenção de descansar um pouco. As altas copas das árvores do parque faziam sombra e criavam o ambiente propício ao sono. Se conseguisse dormir uma hora, seria uma vitória.

Deixou o corpo afundar-se no banco com o peso de chumbo dos seus músculos e ossos doridos. Não soube dizer se tinha, ou não, chegado a adormecer quando o telemóvel tocou.

— Sim?

— Inspetor Lobo? — disse uma voz agitada. — É o Jorge. Preciso de falar consigo, é urgente.

— Muito bem — respondeu o inspetor, estremunhado. — Vá ter comigo ao Departamento de Homicídios amanhã de manhã.

— Não, tem de ser hoje, noutro sítio — declarou Jorge, nervosamente.

— O que é que se passa?

— Não posso... Não vou dizer ao telefone...

— Se quer a minha ajuda...

— É sobre a Laura. Isto é muito maior... — deixou escapar, calando-se em seguida.

O inspetor olhou para o visor do telemóvel.

— De onde é que me está a ligar?

— De um café, nos arredores.

— Envie-me as coordenadas de GPS por mensagem. Vou arranjar agora.

— Tenha a certeza de que não o seguem — disse Jorge, com a voz alterada. — Não demore.

Assim que recebeu a mensagem com a localização, meteu à boca um comprimido para os nervos e pôs-se em marcha. Tinha estado meia dúzia de vezes com o rapaz e não lhe parecia ter feito para graças ou exageros. Vinha de uma família disfuncional, pai alcoólico e quase sempre ausente e mãe mais focada em arranjar e manter namorados do que em prestar atenção ao filho. Jorge era o que se pode chamar um verdadeiro autodidata, na medida em que se criara a si mesmo, entre a rua e a casa de amigos que o acolhiam. Tendo em conta a vida que tinha tido, era surpreendente que não se tivesse saído pior. Trabalhava como mecânico desde os dezasseis anos na oficina de um vizinho, que, por bondade, dera a mão ao rapaz.

Todos o descreviam como um miúdo doce e honesto, que podia ter ido longe se tivesse desenvolvido cabeça para estudar. De há um ano para cá, tinha começado a dar-se com um grupo de motoqueiros, pequenos marginais de classe média, que, por terem pais presentes e com dinheiro, tinham sempre salvaguarda quando havia desvario.

Já para Jorge, não era a história tão simples. Apanhados pela polícia a comprar erva, todos se safaram com uma reprimenda, menos Jorge, que passou duas noites na esquadra e ficou com cadastro. Começou a beber e, de vez em quando, metia-se em confusões. Laura, com quem namorava desde os catorze anos, era o seu lado luminoso. O ponto de fuga para o único ângulo da sua vida em que fora alvo de amor.

Em trinta minutos, chegou a um café de beira de estrada, com o sugestivo nome de «Labirinto». Entrou, procurando Jorge, mas não havia sinal dele.

— Boa tarde — disse, dirigindo-se à mulher de meia-idade que, ao balcão, parecia uma ave de rapina, a vigiar as presas. — Venho ter com um rapaz moreno, vinte e poucos anos. Viu-o?

— Entram aqui muitos rapazes, pode ser qualquer um — respondeu ela, com má vontade.

— Este rapaz telefonou-me daqui há menos de uma hora, usou o seu telefone fixo.

A mulher deitou-lhe um olhar de desconfiança.

— Ouça bem, eu sou da polícia e preciso que me diga se este rapaz esteve aqui, está a perceber? — acrescentou, endurecendo o tom, enquanto mostrava uma fotografia de Jorge no telemóvel.

— Saiu daqui há coisa de um quarto de hora — respondeu a mulher, sem parecer intimidada. — Estava muito ansioso, mas depois apareceu uma rapariga, sentou-se e estiveram uns minutos a falar, pareciam zangados, mas ao fim de um bocado foram-se embora.

— Como era essa rapariga?

— Que quer que lhe diga? Era normal. Pela idade dele, uns vinte anos, cabelo castanho, magrita...

O inspetor sentiu um calafrio. Algo não estava bem.

— Consegue dizer-me se a rapariga que estava com ele é esta? — pediu, mostrando-lhe, no telemóvel, uma fotografia de Sofia.

— Não, esta era diferente — respondeu a mulher, com o mesmo tom de enfado. — Mais morena de pele e cheia de cara.

O inspetor abriu uma nova fotografia no aparelho.

— Era esta? — perguntou, mostrando a fotografia de perfil do *Facebook* de Teresa.

O rosto da mulher iluminou-se de orgulho, como se acabasse de perceber que sabia a pergunta final num concurso televisivo.

— Sem tirar nem pôr. Era esta mesmo. Que se passa com eles, estão metidos em trabalhos? Roubaram alguma coisa?

— Obrigado pela sua ajuda — disse o inspetor, saindo rapidamente.

No caminho de regresso, tentou ligar várias vezes para Jorge, mas este tinha o telemóvel desligado. Depois, ligou para casa dos pais de Teresa, que lhe disseram que a filha tinha saído na véspera para ir estudar em casa de uma colega. Quando lhe tentaram ligar, verificaram que tinha o telemóvel desligado ou sem rede. Comprometeram-se a avisá-lo assim que ela os contactasse. Eram gente boa e humilde, e não quis assustá-los sem necessidade.

O trânsito estava impossível naquele fim de tarde. Era impressionante como, ao mínimo de chuva, as pessoas pareciam esquecer-se de como se conduz: três acidentes em cinco quilómetros. Esteve a ponto de largar o carro no meio da via e ir andando a pé. Ataque de pânico. Há uns seis meses que não tinha nenhum. Abriu as duas janelas para fazer o ar circular e tentou respirar pausadamente.

Sentia um desconforto cada vez maior a crescer dentro de si, como o voo frenético de um bando inteiro de pássaros, instantes antes de um tremor de terra.

Decidiu passar em casa; há dois dias que não tomava duche e começava a ser imperativo. A água quente sempre o tinha ajudado a pensar, e, parecendo que não, um par de meias e cuecas lavadas tinham o mesmo efeito.

O apartamento tinha um ar espartano, sem um único quadro ou fotografia nas paredes, e, apesar de se ter mudado para ali há sete anos, ainda não se tinha dado ao trabalho de trazer da arrecadação os livros e objetos pessoais que lá tinham sido deixados, dentro de caixotes, pela empresa de mudanças.

Depois do duche, arrastou-se até à cama e deixou-se ficar, de barriga para cima, enrolado na toalha. Tinha as costas a gritar por clemência, mas continuava a esquecer-se de passar numa farmácia para comprar algo para as dores. Prometeu a si mesmo que não passaria da manhã seguinte.

Um cheiro indescritível, quase pastoso, se um cheiro pudesse ser assim descrito, fê-lo aperceber-se de que não se lembrava da última vez em que tinha mudado os lençóis. Alcançou o telemóvel, que deixara na mesa de cabeceira. Estava coberta por um manto de pó escuro, intolerável para qualquer pessoa normal.

Depois do divórcio, deixara de se importar com certas coisas; todo o brio que tinha estava alocado exclusivamente ao trabalho, pois era também a única coisa que o tinha impedido de beber até morrer. A casa não passava de um sítio onde ia para dormir e tomar banho. Ainda assim, sabia que tinha deixado a sujidade chegar longe demais e andava a pensar em contratar uma empregada, que ali fosse uma vez por semana.

O telemóvel de Jorge continuava desligado.

O inspetor rolou para fora da cama, ligou o computador e acedeu ao processo para tirar o número da casa da mãe de Jorge, que era a sua morada oficial, mas onde só raramente dormia.

— Estou? — disse do outro lado da linha uma voz feminina.

— Boa noite. Estou a falar com a Paula?

— Sim. Quem fala?

— Desculpe incomodar, fala o inspetor Lobo, já nos conhecemos. Queria saber se o seu filho está em casa.

— Não sei nada desse idiota há três dias. Levou-me o dinheiro todo que tinha na carteira e pôs-se a andar. Posso apresentar queixa consigo?

— Ele disse-lhe alguma coisa? Pareceu-lhe assustado?

— Você não ouviu o que eu disse? Ele roubou-me o dinheiro da carteira, não presta para nada.

— Paula, ouça, preciso que pense e me diga se o Jorge lhe pareceu estranho nos últimos dias, se disse alguma coisa fora do normal...

— Aquele rapaz anda fora do normal desde que a outra morreu! No outro dia, apareceu-me em casa todo cheio de sangue. Quando lhe perguntei, disse que tinha caído de mota... Mas, cá para mim, anda a roubar e deram-lhe um enxerto...

O inspetor desligou sem aviso; aquela mulher dava-lhe náuseas.

Vestiu-se rapidamente. Antes das onze, ainda queria passar pelo sítio onde os amigos das motas costumavam parar para beber cervejas e fumar erva. Tendo em conta os acontecimentos desse dia, parecia-lhe pouco provável que Jorge estivesse com eles, mas não podia ficar sem fazer nada pelo rapaz, e, por outro lado, talvez os tipos lhe pudessem dizer alguma coisa que o ajudasse a trazer sentido à situação.

Quando chegou ao local, junto a um parque de caravanas, teve de avançar para eles de braços no ar, aos gritos, tranquilizando-os quanto à finalidade daquela visita, para que não fugissem nas motas mal o vissem.

Aparentemente, Jorge não aparecia desde a morte de Laura, e eles, na presença daquele polícia de sessenta e dois anos, perderam instantaneamente a bazófia, trocando entre eles olhares atrapalhados e falando muito para o nada que disseram, visivelmente nervosos e com as mãos perdidas, por não saberem em que gesto as sossegar.

— A malta passou-se um bocado quando a miúda apareceu morta, está a perceber? — disse um dos rapazes. — O gajo andava de cabeça perdida por causa do fim do namoro. Depois, aquilo aconteceu... está a ver, não está? Pensámos todos o mesmo...

— Pensaram que tinha sido ele a matar a Laura.

— Sim, quer dizer... pensámos, só isso... Mais agora, que ele anda aí para cima e para baixo com a outra...

— Qual outra?

— A Teresa. Era a melhor amiga da namorada.

— Costumam vê-los juntos?

— Aqui e ali. No outro dia, parei num semáforo e eles estavam juntos no carro ao meu lado. Fingi que não os vi, e acho que também não me viram.

— Obrigado — disse o inspetor, entregando um cartão de trabalho. — Se se lembrarem de mais alguma coisa, ou se o virem por aí, agradecia que me ligassem logo.

— Tranquilo — respondeu o rapaz. Os outros olharam-no com admiração. Tinha conquistado uns pontos.

O inspetor regressou ao carro. Se andasse bem, ainda teria tempo de comer uma sandes antes da hora marcada.

A morada ficava no centro, na zona antiga da cidade, e pertencia a um prédio devoluto. O procedimento previsto para uma situação daquelas teria sido informar o departamento, e não ir, de forma nenhuma, sozinho a este encontro, mas não estava disposto a que lhe revirassem os olhos quando fizesse o pedido.

Todo o departamento achava que ele estava obcecado com o caso e, ao fim de quatro meses sem provas relevantes de alguma coisa, que apontassem para algo mais do que um assalto malsucedido, tinham-no tacitamente dado como encerrado.

Apenas o facto de o inspetor Lobo ser o mais antigo no departamento impedira, até àquele momento, que alguém, até mesmo a chefia, se atrevesse a retirar-lhe a investigação, e ele sabia disso perfeitamente.

Estacionou e, às dez e quarenta, estava a pedir uma cerveja e uma sandes de panado, num tasco cinquenta metros abaixo do número 27. Depois de engolir um bocado, tomou o comprimido para o coração e um antidepressivo. Por aqueles dias, a metodologia para a toma era em estilo *freestyle*.

O prédio ainda estava pior do que ele pensava. Não conseguia compreender a escolha do local, mas, depois de tudo o que tinha acontecido nas últimas horas, subir ao quarto piso de um prédio a cair aos bocados parecia-lhe o menos.

A porta da rua estava aberta e, como não havia campainhas, foi subindo. A escada estava sem luz, pelo que teve de usar a lanterna do telemóvel para conseguir subir sem enfiar os pés nos buracos dos degraus onde já faltava madeira.

Visto de fora, o edifício tinha todas as janelas emparedadas, mas esperava que o sítio onde se ia encontrar tivesse luz.

Aquilo começava a ser um pouco excêntrico demais para o seu gosto, e, por cada degrau que subia, encarava como maior possibilidade a hipótese de estar a passar por todo aquele esforço para concluir apenas que a mãe de Laura enlouquecera. Não demoraria a descobrir.

Quando alcançou o último andar, deparou-se com uma porta aberta delineada por luz elétrica, fortemente amarelada, vinda do interior. Quando se aproximou, teve de se controlar para não deixar escapar uma interjeição de espanto: a divisão tinha as paredes forradas a fotografias e desenhos do rosto de pessoas. Ao centro, havia um divã e ainda um cavalete com folhas grandes e utensílios para desenhar a carvão.

Um dos rostos chamou-lhe a atenção. Era Laura, com uma expressão de total ausência, se é que a ausência pode ter expressão.

— É um autorretrato — disse Gilda, que se aproximara sem fazer barulho.

O inspetor virou-se, sobressaltado.

— Desculpe, não tive a intenção de o assustar. Estava na casa de banho, também não o ouvi entrar.

— Não tem importância — respondeu o inspetor, tentando disfarçar o facto de ter ficado com o coração aos saltos. — Que lugar é este?

— Desculpe ter-lhe pedido para se encontrar comigo aqui, mas não havia outra forma. Falou a alguém sobre isto?

— Não.

— Melhor assim.

— Vai dizer-me que lugar é este e porque é que me fez vir até aqui?

Gilda sentou-se no divã.

— Nas últimas semanas, a Laura andava esquisita, inquieta, triste... Quando eu tentava perceber o que se passava, dizia-me que não era nada, para não me preocupar, mas eu sabia que algo estava

mal. Um dia, pediu-me dinheiro, umas centenas de euros. Ela nunca tinha feito isso antes. Não quis dizer para o que era, mas pediu-me de tal maneira, como se a sua vida dependesse disso, que não fui capaz de recusar.

Gilda olhou em redor, como se ainda quisesse encontrar ecos da filha nas paredes.

— Quando ela morreu, encontrei um recibo com esta morada. O dinheiro serviu para alugar este sótão, e também para comprar uma máquina fotográfica, que desapareceu. Acho que estava a investigar alguma coisa.

— Quem são estas pessoas? — perguntou o inspetor, apontando para os rostos desenhados a carvão.

— Não faço ideia. Mas tente falar com a Teresa, mais de metade dos desenhos são dela.

De facto, ele já tinha reparado que os desenhos tinham traços diferentes, um muito mais realista e cuidado do que o outro.

— Fui falar com ela, mas reagiu muito mal, disse-me que nunca aqui esteve, que não sabia do que eu estava a falar, mas eu sei bem que está a mentir, conheço aquela miúda desde os oito anos, tenho desenhos dela em minha casa, têm um estilo muito próprio. Garanto-lhe, ela esteve aqui com a minha filha, e sabe quem são estas pessoas.

— Hoje, em sua casa, disse-me que estávamos a ser ouvidos, que estávamos em perigo...

— Começou quando eu fui ao bar onde ela cantou. Leu o diário?

— Li.

— Então, sabe que há ali algo estranho.

— Não sei...

— Mataram o nosso cão.

— Há muitas outras causas para morte de um cão...

— Era um cão bebé, nunca saía de casa. Apareceu morto em cima da mesa de jantar, foi um aviso. — Gilda estava cada vez mais ansiosa. — Aquela gente esteve em nossa casa, percebe? Mexeram em coisas, levaram coisas, tenho a certeza de que colocaram escutas.

— E acha que o dono do bar está por trás disso? Que motivo teria? Gilda, eu sei que está a sofrer, e não imagina como me agrada perceber que não desistiu de descobrir o assassino da sua filha, mas temos de ir com calma. Criar teorias, fazer acusações, não nos vai levar a lado nenhum — disse o inspetor, sentando-se no divã ao lado dela. — O dono do bar... Na altura, falámos com ele, e foi completamente isentado de qualquer relação com o crime. Esteve toda a noite no bar, tem dezenas de clientes e empregados como testemunhas, e, para mais, o homem tem uma ficha imaculada, sem uma multa de trânsito sequer — prosseguiu calmamente o inspetor Lobo, não querendo dizer nada que a ajudasse a empolar a narrativa.

— Não. Você não está a perceber. O homem está a esconder alguma coisa. Fui ao bar para falar com ele, recebeu-me com maus modos, despachou-me, era óbvio que não queria falar do assunto. Tentei conversar com as empregadas mais antigas, as que conheceram a Laura, mas o tipo percebeu e mandou um segurança correr comigo. Depois, havia a história da festa...

— Nós investigámos isso, Gilda... Essa festa foi numa quinta a cinquenta quilómetros daqui. Foi um desses eventos vulgaríssimos feitos para o *jet set*; até a comunicação social esteve presente, nós investigámos e não havia nada que pudesse...

— Não. A festa a que a Laura se refere no diário foi noutra sítio. Aqui, nesta casa junto ao mar — disse Gilda, apontando para uma fotografia.

— Como é que sabe isso? — perguntou o inspetor, aproximando-se da fotografia, intrigado.

— Ela andava a vigiar. Há centenas de fotos a várias horas do dia. Acho que lhe aconteceu alguma coisa nesta casa.

Nesse momento, ouviram um estrondo vindo da escada, alguém tinha batido com força a porta de madeira lá em baixo e subia agora com toda a velocidade.

— Quem mais sabe que estamos aqui? — perguntou o inspetor, subitamente assustado.

— O meu marido, mas ele não viria até cá — balbuciou Gilda, aterrorizada. — Meu Deus.

O inspetor Lobo levou a mão ao coldre que usava ao ombro e apercebeu-se de que estava vazio. Tinha deixado a arma em casa. Correu à janela e arrancou uma das tábuas que a tapava, verificando que o estado carcomido da escada de incêndio tornava impossível uma fuga por ali. O mais certo era despenhar-se assim que alguém lhe tocasse.

O alvoroço nas escadas e o ranger impressionante dos degraus estava prestes a alcançar o último piso. Ouviam-se vozes entrecortadas e nervosas.

Gilda estava prestes a colapsar de pavor. Agarrou o inspetor, usando o seu corpo como escudo.

— Já acredita em mim? — sussurrou-lhe a custo, ao ouvido.

O inspetor Lobo sentiu que o coração ia explodir e agarrou a mão de Gilda com força, mesmo a tempo de verem entrar pela porta Jorge e Teresa, com uma expressão de pânico absoluto, e que, ao vê-los, foi substituída por outra de pura confusão.

Jorge fechou a porta atrás de si.

— Apaguem as luzes — ordenou. — Eles estão aqui.

O inspetor Lobo quer descobrir quem matou Laura. Afonso quer que o deixem escrever o que ele gosta. Gabriela quer que o inspetor Lobo faça o seu trabalho e quer que Afonso escreva o que lhe pedem.

Mas Laura continua morta, os pais dela pressionam as forças policiais, e é preciso apanhar o culpado. Ou será mais do que um? Que forças estranhas os rodeiam sem que não deem por nada? Quando Afonso perde a namorada, Júlia, num horrível acidente, vê no luto a oportunidade de que precisa para parar de escrever, sem ninguém contestar.

Se o leitor acha que já percebeu este livro, podemos afirmar, com toda a certeza, que não. Porque quando pensa que descobriu o que se passou, Mafalda Santos abre outra cortina com outra realidade, deixando-nos tão surpresos quanto entusiasmados. E quando o fim vier, finalmente, não passará despercebido.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

    penguinlivros

ISBN: 978-989-596-451-2



9 789895 964512